



GT 67. Povos indígenas e abordagens transversais: etnologia, história e arqueologia

Coordenador(es):

Vicente Cretton Pereira (UFV - Universidade Federal de Viçosa)

Spensy Kmitta Pimentel (UFSB)

Sessão 1

Debatedor/a: Rafael Fernandes Mendes Júnior (BN)

Sessão 2

Debatedor/a: Fabíola Andréa Silva (USP - Universidade de São Paulo)

O objetivo deste GT é reunir pesquisadores cujos trabalhos explorem a transversalidade entre a antropologia, história e arqueologia relacionada aos povos ameríndios, a fim de iniciar uma discussão sobre novos paradigmas analíticos possíveis em função dos avanços registrados na pesquisa nas duas últimas décadas. Por exemplo, as relações entre os diversos povos indígenas amazônicos e seus padrões da borracha no século XIX, ou entre os grupos guarani e as missões jesuíticas e franciscanas entre os séculos XVI e XIX apontam para a relevância da história para o debate sobre as transformações pelas quais passaram esses e outros grupos ameríndios. A crítica etnográfica de fontes históricas tem trazido à tona dados preciosos acerca de muitos contextos americanos, permitindo reconstruir, ainda que parcialmente, determinadas realidades sociais – bem como repensar as realidades presentes vividas por esses indígenas. Além da antropologia e da história, trabalhos recentes em arqueologia têm contribuído decisivamente para uma maior compreensão de tais realidades, seja desvelando o caráter antropogênico da floresta amazônica por exemplo, ou ainda desenvolvendo uma perspectiva antineolítica para esta região, diferenciando as trajetórias dos povos ameríndios e as dos povos do velho mundo, permitindo vislumbrar traços do que seria uma História Antiga da América.

História e territorialidade kaiowa nos cantos guahu de Atanásio Teixeira

Autoria: Spensy Kmitta Pimentel (UFSB), Izaque João Tatiane Maíra Klein

O work propõe uma discussão sobre a importância do estudo dos cantos xamânicos como instrumento para a reflexão sobre história, memória e territorialidade indígena, a partir do caso dos cantos guahu registrados entre os Kaiowa de Mato Grosso do Sul. O rezador Atanásio Teixeira elegeu um conjunto particular dentre os cantos guahu, os chamados "guahu de animais", para um projeto editorial recentemente realizado pelos pesquisadores, que agora se propõem a sistematizar reflexões sobre esse processo. Descritos como cantos míticos por João e Pimentel (2016), os cantos guahu dos Kaiowa são narrativas em que os animais contam sobre seu modo de ser (teko) no princípio (ypy), histórias do tempo em que os "homens e os animais não eram realmente distintos uns dos outros" (LÉVI-STRAUSS, 2009). A pesquisa com o conjunto selecionado pelo rezador Atanásio Teixeira para a publicação tem mostrado a importância dos guahu não apenas como instrumento para manutenção da memória indígena a respeito do nhandereko "modo de ser tradicional dos Kaiowa" e dessas narrativas míticas, mas também, na articulação entre territorialidade e história, como dispositivos da memória sobre o meio ambiente da região, anteriormente conhecido pelos indígenas como Ka'aguyrusu (mata grande). A pesquisa dialoga com experiências passadas e presentes, como os Talleres de Historia Oral Andina (THOA), coordenados por Silvia Rivera Cusicanqui, na Bolívia, e os Laboratorios de Historia Indígena, grupo atualmente organizado na Unam (México), buscando compreender



epistemologicamente o ponto de vista expresso por Atanásio ao escolher valorizar um conjunto de cantos que remete tanto ao mitos, quanto ao processo histórico de expropriação territorial e devastação ambiental dos tekoha, territórios kaiowa - dos quais o próprio rezador é testemunha. Ao mesmo tempo, também está relacionada ao work do pesquisador kaiowa Izaque João como professor de história na comunidade de Panambi e também formador de professores no Magistério Indígena Ara Verá, realizando, portanto, uma reflexão sobre a prática que envolve a relação entre a escola indígena e os cantos xamânicos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: